

Os índios, assumindo direitos

B ¹⁹⁰RASÍLIA — Eles eram 15 em 1980. Vinham de diferentes regiões do País e foram se conhecendo aos poucos, nas "peladas" dos finais de semana, no carro que os transportava para a Funai, nas reuniões sob as árvores da Casa do Ceará, instituição beneficente que funciona em Brasília. Eram conhecidos, genericamente, pelos títulos de "índios estudantes". Hoje, quatro anos depois, eles são apenas sete, mas continuam preocupando não apenas a Funai, como os órgãos de Segurança, pois são eles que transmitem a seus povos quais os direitos indígenas previstos na Lei n° 6.001, o Estatuto do Índio.

Entre os "índios estudantes", uma "tribo" que surgiu em Brasília, floresceu Marcos Terena, hoje chefe de gabinete da Funai e exemplo para os demais índios que um dia chegam à Capital, procurando melhorar seus conhecimentos intelectuais e, especialmente, procurando na Funai, um "lugar ao sol".

Depois de muito ler o Estatuto do Índio, eles decidiram criar uma organização exclusivamente indígena, sem interferência da Funai, ou das entidades de apoio à causa dos índios. E, em abril de 1980, numa cerimônia simples, lançaram a União das Nações Indígenas (Unind), imediatamente repudiada pela Funai e pela Secretaria do Conselho de Segurança Nacional. A Unind cresceu, mas os índios estudantes, por interferência do coronel Ivan Zanoni Hausen, assessor do coronel Nobre da Veiga, ex-presidente da Funai, foram mandados de volta às suas aldeias de origem e outros receberam a promessa (até hoje não cumprida) de trabalhar nas unidades regionais da Funai.

VOLTAR PARA A ALDEIA

Embora reduzidos, os índios estudantes formam um bloco compacto, pronto a apoiar ou derrubar diretores da Funai. Hoje, distantes da Casa do Ceará, quase sem contato com os demais líderes indígenas que chegam a Brasília, eles formam um grupo respeitado, porque a Funai tem consciência de que, entre eles, dois ou três, entre os sete, estão em Brasília para servir de "ponte" entre os direitos indígenas e os interesses dos brancos. Pretendem chegar à universidade, mas, antes de tudo, querem retornar às aldeias de origem, levando o conhecimento adquirido com os brancos.

Eles moram no local mais privilegiado de Brasília, o Lago Sul, estudam em



Marcos Terena, um exemplo

escola pública e têm uma única pretensão: aprender com os brancos o mecanismo da sociedade ocidental.

TERENA, O QUE CONQUISTOU UM LUGAR

Marcos Terena tem 30 anos, chegou a Brasília em 1977 e logo se integrou ao grupo conhecido como "índios estudantes". Tomou contato com todas as discriminações da sociedade brasileira, tanto racial como social. Hoje, chefe de gabinete da Funai, atendendo o telefone de cinco em cinco minutos, dando ordens aos "brancos", ele só tem um sonho: que o Governo e a sociedade brasileira reconheçam os direitos e valores de uma sociedade pluralista, onde convivem descendentes dos europeus, índios da idade da pedra e remanescentes dos negros escravos.

Voz pausada, que não se altera mesmo quando recebe uma ofensa, Marcos Terena, piloto formado pela Academia da Força Aérea, com o curso de Administração na Faculdade Católica interrompido pelos trabalhos da causa indígena está enfrentando a tarefa mais dura de sua vida. Nem as tempestades em dias de nuvens pesadas, quando pilota um bimotor, nem a discriminação sofrida na escola primária em Campo Grande (MS), quando sua professora o proibiu de frequentar as aulas porque lhe faltavam canetas apropriadas e seus sapatos estavam furados, representam tanto quanto a difícil função de ser chefe de gabinete da Funai.